

MANGUEIRA

CARNAVAL 82



Percival Pires

AS 1001 NOITES CARIOCAS

AS 1001

NOITES

CARIOCAS

Autor do Enredo — Fernando Pinto

Autores do Samba-Enredo — Heraldo Faria, Tolito e Flavinho Machado

Figurinos — Fernando Pinto

Desenvolvimento do Enredo — Comissão de Carnaval

COMISSÃO DE CARNAVAL

Carlos Alberto Doria

Luiz Oswaldo Pastore

Walter Martins de Miranda

Luiz Carlos Sampaio

Guide Vasconcelos.

João Riche

Elias Riche

Djalma Arruda

Luiz Sorte

Wanderlei Doria

Clovis B

Samba Enredo 82

Noite linda, lua tão bela
Mangueira novamente fascinando

O povão na passarela

Céu salpicado de estrelas encan-
tadas

As mil e uma noites cariocas
Na avenida iluminada
A imaginação foi me levando
Vi índias dançando em seus rituais
Bailam conde, condessa e prin-
cesa

Na festa da nobreza
Sob lustres de cristais

Êla, êla, o Nana
Êla, êla, ori-rá
Os negros batucando na senzala

Em louvor a Oxalá

Rio antigo
Teatros e saões
Da Lapa dos malandros e gingados
Damas da noite vendedoras de
ilusões

E ns noites suburbanas
Baões colorindo o céu
E na Vila eu ouvi melodias de Noel
Na Zona Sul a beira-mar
O povo em sua fé louvava Iemanjá
Os nossos carnavais de antiga-
mente

O pierrô a colombina encantando a
gente

E no carnaval de hoje cheio de
loucura

Vem a nossa verde e rosa que nin-
guém segura

Diretoria

Presidente — Percival Pires

Vice-Pres. — Moacir Castelo Branco

Departamento de Comunicação —

Walter Martins Miranda

Wanderley Dória

Departamento Finanças —

José Ananias

Dante Carelli

Departamento Social —

Elias Riche

William Lourenço Braga

Depto. de Patrimônio —

Jair Campos

José Branco

Depto. Jurídico —

Dr. Alcione Pinto Barreto

Dr. João Riche

Depto. Cultural —

Dra. Maria Helena Abrahão

Paulo Gomes

Procuradores —

Dr. Floriswaldo Martins

Dr. Newton Antonio Valadão

Depto. Harmonia —

Ronaldo de Oliveira

Genézio Pereira

Depto. de Esporte —

Marco Antônio Gomes

Márcio Rodrigues

Representantes junto a A.E.S.C.R.J.

Dijalma Arruda

Ed Miranda Rosa

Introdução

As Mil e Uma Noites Cariocas" é uma fantasia carnavalesca sobre o universo da geografia e da história, do folclore e dos mitos das noites de um Rio de Janeiro encantado.

Essa empostação de encantamento está presente no desfile desse carnaval noturno de elementos mitológicos, com sacis e caiporas; anjos, santos e orixás; luas, estrelas, cometas, constelações. E as mariposas, os gatos, as corujas, os morcegos, seres constantes de uma noite qualquer.

As alegorias e fantasias utilizam elementos noturnos, criando o fantástico clima das Mil e Uma Noites, agora cariocas, espalhadas pela Geografia do Rio das zonas norte, centro e sul. Através da História das noites do Rio pré-descoberto às cotidianas noites cariocas: do espírito festivo dos praeiros tambois ao clima "pop" das gatas e meninos do Rio. No Folclore noturno das cerimônias índias, das festas brancas, dos negros rituais das oferendas, da grande festa mulata. Revivendo os eternos Mitos de típicos personagens boêmios e dos recantos cariocas.

"AS MIL E UMA NOITES CARIOCAS" é um canto e uma apologia a todas as noites cariocas de todos os tempos.

BANCO AMÉRICA DO SUL S/A

Praça Pio X, nº78/A

Tel.: 253-7422 — 253-9826

ONDE SEU DINHEIRO VALE MAIS



Enredo

Uma lua grandiosa surgiu sorrindo no céu e a passarela da avenida iluminada ficou salpicada de estrelas. Mangueira, a Estação Primeira, despontando gloriosa, decantando em verde e rosa "AS MIL E UMA NOITES CARIOCAS".

Fantasia em forma de enredo. Encantada serenata em cadência de samba, cantando as noites de festas, alegria e magia do Rio de Janeiro. Do Rio de ontem e de hoje. Um carnaval de encantamento para uma cidade maravilhosa.

Sob a luz do Cruzeiro do Sul, nas "ENCANTADAS NOITES ÍNDIAS" se via Jaci enlurada no céu. Era noite de festa em Uruçumirim. Se dançava, se cantava, se bebia cauim.

Noutra noite, noutro tempo, em outro lugar e também numa noite de luar. Candelabros reluzentes, lustres de cristal, luzes de "UMA NOITE DE FESTA NA CORTE"! Baile de máscaras. Vem Conde, vem Condessa. Olha o Duque! Olha a Duquesa! Isabel, a princesa. E pra surpresa geral, vem de Santos a mariposa marquesa.

Vinho, luxo e riqueza! Festa pagã da nobreza.

Lá fora se ouvia um trovão no céu, um raio no mar. OÊOÊOÊ OÁ, Eparrê! Axé! Axé! Saravá! "NOITE DA MAGIA DA SENZALA". Festa de uma raça. Negros rituais. Um trovão no céu, um raio no mar. OÊOÊOÊOÊOÁ, Eparrê! Axé! Axé! Saravá!

E sonhos sonhei. Nas "NOITES DO RIO ANTIGO" vivi. Concertos, teatros, saraus, portões, salões de casarões. Glória. Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Cosme Velho, Catumbi. Lá do Mourisco voltei e passei...

"UMA NOITE NA LAPA". Pelos arcos, nos cabarés e pensões, sob a luz dos lampiões de gás. Mulheres, mariposas e madames; coronéis e cafetões; capoeiras, malandros e gigolôs. Camisa Preta, Meia Noite e Edgar... Madame Satã.

Brinquei na rua e soltei pipa em noite de lua cheia nas "NOITES SUBURBANAS". Calçadas, pagodes e cervejas. Subiu pro céu um balão que voou, subiu, voou de Ramos, passeou por Irajá, Penha, Madureira, Jacarepaguá e caiu inteirinho do céu.

Caiu inteirinho do céu nos braços de Noel "NA NOITE EM VILA ISABEL". Música no céu! No ar o canto de poesia popular. Com que roupa qu'eu vou? pro samba que você me convidou no Feitiço da Vila. As Serestas!

ÔÔÔÔ tantas noites se passaram mas meu sonho não acabou. Viajei... viajei e "NUMA NOITE EM COPACABANA" escutei a sereia cantar. Era a princesinha do mar em noite de lua... Noite de Ano Novo, festa de lemanjá ôÔÔÔ. Sereias cantavam e o mar prateado refletia o luar.

Numa esticada fui passear "PELAS NOITES DA ZONA SUL". Gatas, gatinhas, gatos, feras e panteras nas luzes de Ipanema, nos embalos do Baixo Leblon.

E essa sinfonia em verde e rosa, modulando o tom, tornando aos tempos que não voltam mais "VELHAS NOITES DE ANTIGOS CARNAVAIS". Clóvis, alegres palhaços, taciturnos pierrôs, volúveis colombinas, arlequins conquistadores. Praça Onze (cadê você?), Rio Branco e Candelária. Frevos, Ranchos e Blocos. Escolas de Samba e Grandes Sociedades. Portas bandeiras com Mestre-Salas.

Mas a roda do tempo rodou e o tempo passou, passou e as noites de ontem não são mais iguais às atuais, "LOUCAS NOITES DE NOVOS CARNAVAIS", suspiros de delírio, apoteose do esplendor! Festa de ilusão, que Mangueira, Estação Primeira apresentou.

"AS MIL E UMA NOITES CARIOCAS", um carnaval de encantamento para uma Cidade Maravilhosa.

DESEFILE

ABRE-ALAS — “Mangueira no Carnaval de Hoje”. Comissão de Frente vestida com a Bandeira da Mangueira como capa. O Carro Abre-Alas é um índice alegórico, onde virão, sobre gigantesca bandeira mangueirense barrocamente emoldurada, as diversas figuras de todo o carnaval, seguido das baianas das Mil e Uma Noites Cariocas.

QUADRO N.º 1 — ENCANTADAS NOITES ÍNDIAS — Entre mangueirais, sacis e pirilampos numa noturna festa indígena em Uruçumirim (praia do Flamengo) iluminada por Jaci (Lua) e as suas cortes em festa de noite de Lua Cheia.

QUADRO N.º 2 — UMA NOITE DE FESTA NA CORTE — Um baile de máscaras num palácio de um nobre qualquer. Festa no tempo da Monarquia de D. João, da Marquesa de Santos ou da Princesa Isabel. Um encontro atemporal em barrocas noites de festa da nobreza do Rio, sob a luz de candelabros de cristal.

QUADRO N.º 3 — NOITE NA MAGIA DA SENZALA — Festivas negras noites do Rio. As artes dos rituais. Orixás, máscaras, abebés, diademas, espelhos, contas, pentes e velas.

QUADRO N.º 4 — NOITES DO RIO ANTIGO — A moda e os costumes noturnos, a arquitetura da burguesia do Rio do início do século, dos saraus dos casarões aos teatros e cassinos.

QUADRO N.º 5 — UMA NOITE NA LAPA — Uma mágica ronda notívaga pela Lapa boêmia de outros tempos. Visão fantasiosa dos tipos populares daquele mundano recanto: mulheres da vida, mariposas melindrosas, malandros, almo-fadinhas, cafetões e coroneis.

QUADRO N.º 6 — NOITES SUBURBANAS — Homenagem ao subúrbio carioca, verdadeiro berço dos sambistas e da linguagem das escolas de samba. A arte popular suburbana.

QUADRO N.º 7 — UMA NOITE EM VILA ISABEL — Homenagem a um grande boêmio suburbano: Noel Rosa, o poeta da Vila Isabel, um dos maiores redutos de boêmios do Rio até hoje. Canto à música popular.

QUADRO N.º 8 — NUMA NOITE EM COPACABANA — Visão do tradicional bairro carioca. A princesinha do mar numa de suas noites de magia: Noite de Ano Novo, uma das maiores festas

populares do Rio, a festa de Iemanjá.

QUADRO N.º 9 — PELAS NOITES DA ZONA SUL — Um passeio pelo visual da Zona Sul. Representação de uma época, de uma geração, sua linguagem, sua moda, seu consumo, sua estética, seus tipos e seu folclore. Visão carnavalesca de uma realidade carioca.

QUADRO N.º 10 — VELHAS NOITES DE ANTIGOS CARNAVAIS — Revisão suadada das velhas fantasias dos antigos carnavais. Dos sobreviventes tipos e folguedos populares. Frevos, blocos, ranchos, pierrôs, dominós, arlequins, colombinas, porta-bandeiras e mestre-salas.

QUADRO N.º 11 — LOUCAS NOITES DE NOVOS CARNAVAIS — Visão bem-humorada dos carnavais das escolas de samba de hoje. O carnaval show. Reciclagem dos extintos ranchos e grandes sociedades, suas formas e seus mecanismos. O delírio parafernático dos novos carnavais.

Carro Alegórico 1 — As Mil e Uma Noites Cariocas.

Carro Alegórico 2 — CÉU NOTURNO DE UM ENCANTADO RIO DE JANEIRO.

Encantadas

Noites Índias

Walter Miranda

Dentro do contexto das 1.001 noites cariocas a primeira teria que ser forçosamente as noites índias pois desde os conhecimentos que passamos a ter de nossa história, apesar de muitas contestações estes foram os nossos primeiros habitantes. E entre as nossas mais conhecidas tribos tivemos, Os CO-ROADOS, GUAICURUS, TAMOIOS, E MUITOS OUTROS. E os índios não civilizados que viviam nesta época tinham poucas distrações, pois procurava sempre conservar a alma num estado de exaltação belicosa.

Seu coração vive cheio de raiva e vingança e seus lábios proferem unicamente gritos de guerra ou de desafio. E ele só permite uma distração, um divertimento depois de uma caçada feliz ou de uma vitória retumbante. O divertimento mais comum é a dança, quando ele se enfeita tendo o seu chefe para se distinguir melhor, veste um manto coroado com diadema e armado de seu cetro tudo feito igualmente com belas penas, azuis, vermelhas e amarelas, cores especialmente reservadas aos grandes dignatários, e seus comandados e comandadas não com este brilho, mas também se enfeitam usando diversas pinturas, que até hoje são copiadas pelos civilizados. Esta dança sem-

pre com jacy brilhando pois o índio sempre teve medo das noites escuras, baseava-se num passeio a passos curtos, feito em fila e no qual os personagens saltam alternadamente sobre um e outro pé. A medida é dada pela música, cujo movimento moderado e marcado pelas duas batidas rápidas e uma mais lenta, em seguida. Seu canto constitui-se apenas de uma sílaba articulada em dois tons sucessivos, em obediência aos tons do compasso, os instrumentos são formados de diferentes objetos sonoros, colóquintidas (plantas) secas, carapaças de tartarugas, etc., que seguram numa das mãos como nosso triângulo, nos quais batem, batem com a outra uma vareta. A fila de Dançarinos composta de homens e mulheres gira em torno de um enorme recipiente de dois ou três pés de altura e de largura proporcional, previamente enchido do apetitoso licôr chamado "CAUIM".

Mas a Mangueira na sábia imaginação de seu criador carnavalesco deste anos apresenta as encantadas noites índias, quando veremos na abertura de nosso carnaval, lindos quadros formados pelas nossas queridas alas, MOAMA e OPCÃO que estão dando um verdadeiro show de bom gosto, juntamente com o destaque ANA PAULA (JACY) e THEREZINHA (URUCUMIRIN EM NOITE DE FESTA)



C. Postal 1888 = End. Telefónico "PAWILL"

Câmpio: 221-8399 2 = Bolsa 223-0850

Diretor: Open Market 221-6038

Rua da Holanda, 97 - Tel. P (A) Bx 22-89 77 R.

FIP = Fundo de Investimento Paulo Williams

Uma Noite de Festa na Corte

Anamaria N.L. Andrade

Conta o samba histórico de 1982, que tudo era, um céu salpicado de estrelas encatadas.

As mil e uma noites cariocas.

Na avenida iluminada

A imaginação foi me levando

Onde tudo é cor, é luz, é o arco-iris, e entramos no mundo apaixonante da fantasia, ao menos por uma noite linda, um luar tão belo.

Tudo é sonho;

Eis que surge na avenida vestido de verde e rosa os nossos imperadores, fundadores do Brasil.

Reis, rainhas, princesas, condes, condessas, visconde e baronesas: damas da sociedade numa elegância

infindada...

Numa festa da nobreza, sob lustres de cristais num mundo mágico apaixonante de poetas e com olhares profundos de amantes, escondidos entre sussuros lenços perfumados, inebriantes aromas franceses, sentimos a leveza das valsas, os desfiles de modas, os saraus o requinte, o supérfluo, o chá das 5.

O mundo de amor e coquetice.

Arte pela arte.

Influência européia nos conquistadores.

Presente no carnaval tradição da mais antiga Escola de Samba Mangueira Estação I.

Isto é que é carnaval.

CORRETORA PAULO WILLEMSSENS S.A.

TÍTULOS, VALORES E CAMBIO



FIP = Fundo de Investimento Paulo Willemsens
Rua da Quitanda, 97 — Tel.: P (A) BX 224-99 77 RJ
Diretos: Open Market 221-9038
Câmbio: 221-6399 Z = Bolsa 222-0550

C. Postal 1688 = End. Telegráfico "PAWILL"



A Religião

Banto no Brasil

Alberto Pontes

A religião negra de origem banto, no Brasil, constitui uma página inédita na nossa etnografia religiosa. E isso por vários motivos. Em primeiro lugar estaria a pobreza da mítica banto em relação aos sudaneses, fato reconhecido por todos os etnógrafos, o que resultou na quase absorção, no Brasil, pelo fetichismo gêge-nagô.

Outra razão reside no fato de terem sido iniciados na Bahia estudos sobre as religiões negras com Nina Rodrigues, ponto onde o tráfico de escravos foi principalmente de negros sudaneses, o que influenciou todos os trabalhos ulteriores sobre o assunto. E tal foi a influência dos sudaneses na Bahia, pelo número e maior riqueza dos seus elementos míticos, originando uma espécie de religião geral gêge-nagô, que o próprio Nina Rodrigues teve as suas vistas desviadas de qualquer outro tema negro-religioso que não fosse o gêge-nagô, muito embora tivessem entrado também negros bantos, principalmente angolenses, na Bahia. De modo que chegamos a esse resultado curioso e aparentemente paradoxal: de um lado a riqueza de contribuições lingüísticas de origem banto em detrimento de pesquisas congêneres de procedência sudanesa; de outro lado, a fórmula inversa, estudos de etnografia

religiosa de elementos sudaneses e nada ou quase nada sobre as religiões e os cultos bantos. No entanto, eles existem deturpados e transformados nos candomblés e nas macumbas de vários pontos do Brasil, quase irreconhecíveis pela obra rápida de simbiose das espécies míticas. E tão irreconhecíveis que Nina Rodrigues já escrevia taxativamente em 1900, no seu "Animismo Fetichista: eu procurei, em vão, entre os afro-baianos, idéias religiosas pertencentes aos negros bantos.

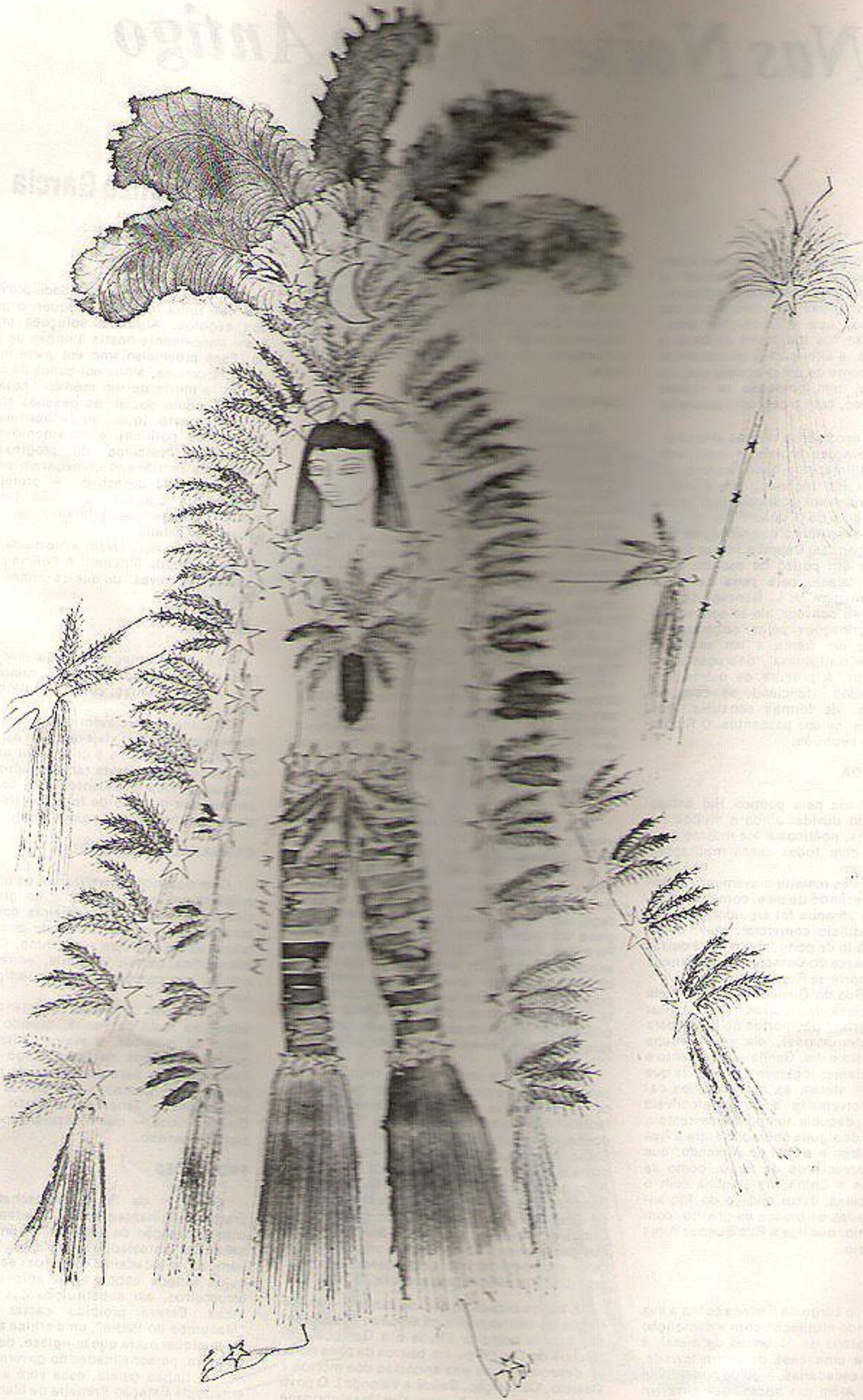
Ao publicar "Negros Bantos", em 1937, que focaliza o comportamento banto na Bahia, Édison Carneiro comentava a precariedade de informações sobre essa cultura: "De certo modo, ele (o livro) vale como uma proeza audaciosa, já que se não encontra aqui (Bahia), nas livrarias ou nas bibliotecas, nada de interessante sobre o negro do sul da África, seja qual for o motivo a estudar".

Assim, a carência de estudos sobre as manifestações culturais dos negros bantos, temos que nos valer de referências de viajantes, cronistas e memorialistas, de uma ou outra projeção na literatura da época e de quanto ainda a tradição conserva em nossa zona, e que tem servido de apoio aos trabalhos dos últimos tempos.

Antigo

Garcia

0



UMA DAMINATA

COLOMBO

Nas Noites do Rio Antigo

Albeniza Garcia

O Rio de Janeiro sofreu uma verdadeira "cirurgia plástica" e mal feita. As modificações introduzidas na fisionomia do Rio, nos últimos 150 anos, além de lhe terem roubado a leveza dos traços, a alteraram profundamente o seu perfil em nome de um processo que, ao longo dos anos, tem golpeado as nossas melhores tradições, com o peso das picaretas e dos aluviões.

Mas sob os escombros dessas descaracterizações e inovações brutais — hoje estimuladas sob o tilintar dos bons negócios — ainda existe um Rio ingênuo, que oferece, com timidez, uma visão poética e fugidia do tempo dos vice-reis e de D. João VI.

Só que para descobrir o que restou do Rio retratado por Rugendas, Debret e Tomaz Ender é necessário ter um pouco de espírito passeador de que falava, pela pena de Lima Barreto, o personagem M. L. Gonzaga de Sá. Lentamente, como convém, ele se empregava a longas peregrinações pelas calçadas da cidade, "parado em frente a um sobrado, olhava, olhava e continuava", debruçando-se sobre o passado, à procura de outros sobrados e telhados, deliciando-se com as sacadas gordas, de formas sensuais, que pareciam oferecer-se aos passantes. O Rio de Janeiro está aos seus pés.

UMA CAMINHADA

Uma caminhada pelo poético Rio antigo levará você, sem dúvida, ainda a muitos lugares românticos, poéticos e até mesmo sensuais, embora com todas essas mutilações que lhe impuseram.

O Arco do Teles resistiu bravamente ao incêndio, permanecendo de pé e, como prova de sua solidez, há 15 anos foi erguido sobre ele um moderno edifício comercial. Mas, quem chega a observá-lo de perto, não poderá deixar de visitar a Travessa do Comércio, que começa na Praça XV e morre na Rua do Ouvidor.

Até 1808 a Rua do Ouvidor não tinha nada que a distinguísse das outras ruas do Rio. Mas, com a abertura dos portos do Brasil para o comércio internacional, ela vestiu roupa nova da noite para o dia. Ganhou calçamento e com os comerciantes ingleses e franceses que ali se fixaram, vieram as modistas, os cabeleiros, as sorveterias e os indefectíveis cabarés. Hoje, daquele tempo, nada restou, com a exceção de alguns sobrados entre a Rua Primeiro de Março e a Rua do Mercado, que merecem ser apreciados de perto, como as casas Américas e China, na esquina com o Beco das Cancelas, outro pedaço do Rio antigo, com calçadas de blocos de granito, com uma vala no meio, que liga a Rua Buenos Aires com a do Rosário.

COLOMBO

Há 50 anos, o Largo da Carioca sofria a sua primeira e grande mutilação com a demolição do imenso chafariz de 35 bocas de metal, à semelhança de uma casa de pedra lavrada, com colunas e escadarias, erguido com ordem de D. João VI. Além das bocas, que jorravam água em abundância, o chafariz alimentava os tanques das lavadeiras, os bebedouros dos cavalos e abastecia os carros-pipas dos bombeiros, criados em 1856, e que se aquartelaram em suas imediações.

A Rua Gonçalves Dias foi bastante desfigurada. Observe-se. No número 32, funciona a Confeitaria Colombo, cenáculo e testemunho de um ciclo de nossa história da literatura (Olavo Bilac foi um dos mais assíduos frequentadores), além de representar um documento vivo da vida social da República velha.

LAPA VADIA

Os velhos Arcos se impõem sobre o Bairro da Lapa, reduto de malandros famosos, como "Meia-Noite", Miguelzinho e "Camisa Preta", "Edgard" e "Madame Satã", está também com seus dias contados. Glorificado em prosas e versos pelos boêmios de outras épocas, o Bairro da Lapa, hoje transformado em local de passagem, parece estar condenado a permanecer vivo apenas na lembrança, para aqueles que um dia chegaram a conhecer suas noites boêmias, com seus cabarés sempre cheios e mulheres de piteira derramando champagna no "soirée".

O Rio colonial, bem de acordo com a tradição urbana portuguesa, subia pelos morros, acompanhando os acidentes dos terrenos baixos, casa unidas, enfileirando-se tortuosamente, em becos e ladeiras, estreitos, para garantir a sombra e minorar o calor. Alguns desses becos e ladeiras ainda se conservam na parte antiga da cidade, e, tanto ou mais do que sua aparência atual, falam do seu passado os nomes que tiveram ou que ainda conservam.

Mais do que simples denominações, eram referências comunitárias, falando de costumes, de modos de viver, do cotidiano.

A 20 de abril de 1845, nascia no Beco da Caçoada, antes apelidado de Beco da Luxúria, Beco da Pouca Vergonha, ou Beco da Bandega, um menino que viria a se tornar figura grave do Império brasileiro — José da Silva Paranhos Júnior — O Barão do Rio Branco. A importância social da personagem, sua ascendência, os títulos recebidos, tornariam impróprio o nome já por si próprio inconveniente do pequeno beco, que ia da Praça da República à Rua do Senado. Passou a chamar-se Rua 20 de Abril, nome que mantém até hoje.

Cada nome é um indicador de atributos, passados ou presentes, e que funcionam como referências geográficas. Quem alimentará dúvidas sobre os motivos de Pouca Vergonha, atribuído ao local de nascimento do Barão, que o redimiu do título e da fama? Ou sobre a fauna humana concentrada no Beco da Alegria, na Lapa, hoje chamado Rua Teotônio Regadas? De denominação óbvia era a Ladeira do Quebra Bunda, pequeno beco no Morro da Conceição, próximo da Ladeira do Escorrega e que desapareceu. O nome teve origem no estado escorregadio de seu lajeamento, que produzia a queda dos transeuntes.

A antiga cidade do Rio de Janeiro — cujos traços ou efetiva presença ainda se descobrem em bairros como a Saúde e a Gamboa, em trechos do Centro ou em bairros da zona norte — desenvolveu-se nas encostas dos morros 7 Castelo, Conceição, Saúde e Valongo). O povo escapava, assim, à excessiva insalubridade dos terrenos baixos e, ao mesmo tempo, obedecia à tradição da arquitetura urbana portuguesa, com ruas estreitas e becos apertados.

RIO, 1925

O Rio de 1925 era uma cidade provinciana, que não tinha resolvido, sequer, o problema dos esgotos. Algumas soluções propostas eram francamente hostis à noção de progresso. Esse provincianismo era parte intrínseca da alma carioca, ainda em busca da sua identidade: a morte de um médico "notável" era acontecimento social: as pessoas confiavam na cartomante (que, cuidadosamente, não falavam de política); e os automóveis eram chamados "veículos do progresso". Os problemas de trânsito começavam então, engarrafamentos, desastres. A prefeitura era considerada culpada, por não ter sabido avaliar bem as possibilidades de desenvolvimento da cidade.

Os jornais noticiavam a morte de Fanny, a escocesa Frida Mitchell. A Polícia procurava "dissipar as trevas" de que os crimes se revestiam.

TRÂNSITO

Os ônibus começaram a aparecer em 1911 mas eram poucos em 1925, quando trafegavam 1.237 bondes, com 417 quilômetros de linha.

Os jornais noticiavam diariamente quedas de passageiros que viajavam nos estribos dos bondes superlotados e criticavam as pressas dos condutores. Havia também atropelamentos por bondes e acidentes com passageiros pendurados do lado de fora dos trens (então ainda não chamados de pingentes).

CARNAVAL EM OUTUBRO

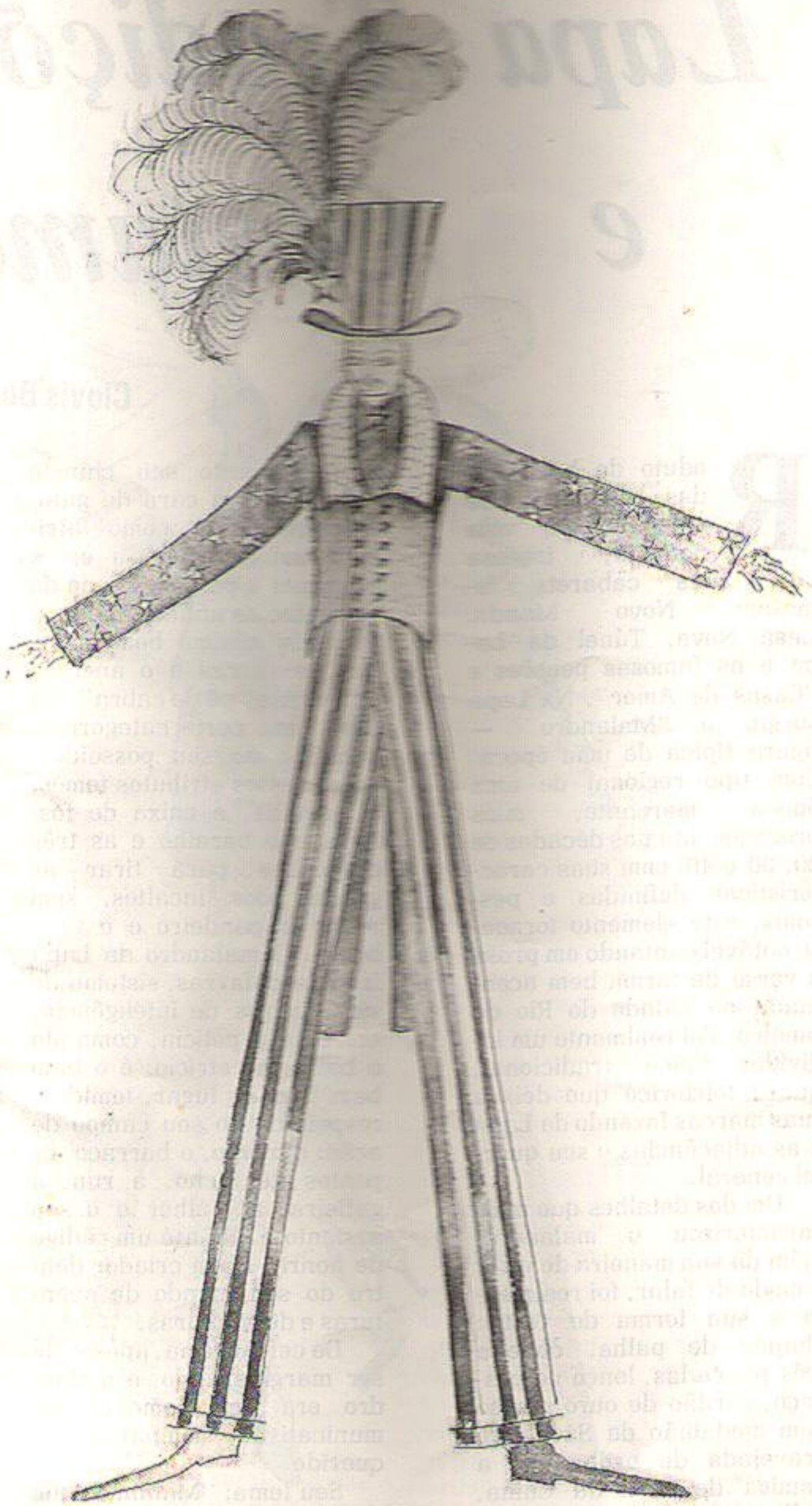
Com os ranchos rivalizavam os blocos, que proliferavam pela cidade, e as grandes sociedades e clubes, as primeiras com a colaboração de grandes firmas do comércio, fabricantes de cervejas — Brahma, Companhia Hanseática, cerveja Po-Lôniz, entre outros — e lojas que comerciavam com artigos de carnaval.

O carnaval começava realmente em outubro, na festa da Penha, quando eram lançadas as músicas, a maioria marchas, nos quatro domingos da festa. Logo depois as modinhas iam para os teatros de revista. Algumas eram cantadas nos clubes e grandes sociedades — Tenentes do Diabo, Fenianos, Democráticos — que realizavam forrobodós a partir de janeiro.

PROIBIÇÕES

O Chefe de Polícia Marechal Fontoura proibiu terminantemente o uso das máscaras, com a intenção de diminuir o número de assaltantes fantasiados de foliões. Vetou também as brincadeiras com os espanadores, cujos longos cabos eram aproveitados por arruaceiros, em substituição das navalhas e facas. Estava proibido cantar a música "Macumba do Padre", uma crítica aos mafuás, ou qualquer outra que atingisse, de uma forma ou outra, personalidades do governo.

Em linhas gerais, essa será a história do enredo da Estação Primeira de Mangueira para o próximo carnaval, que abordará todos os hábitos e costumes do Rio antigo, com o título de "As mil e Uma Noites Cariocas", de autoria de Fernando Pinto.



Lapa Tradições e Costumes.

Clovis Bornay

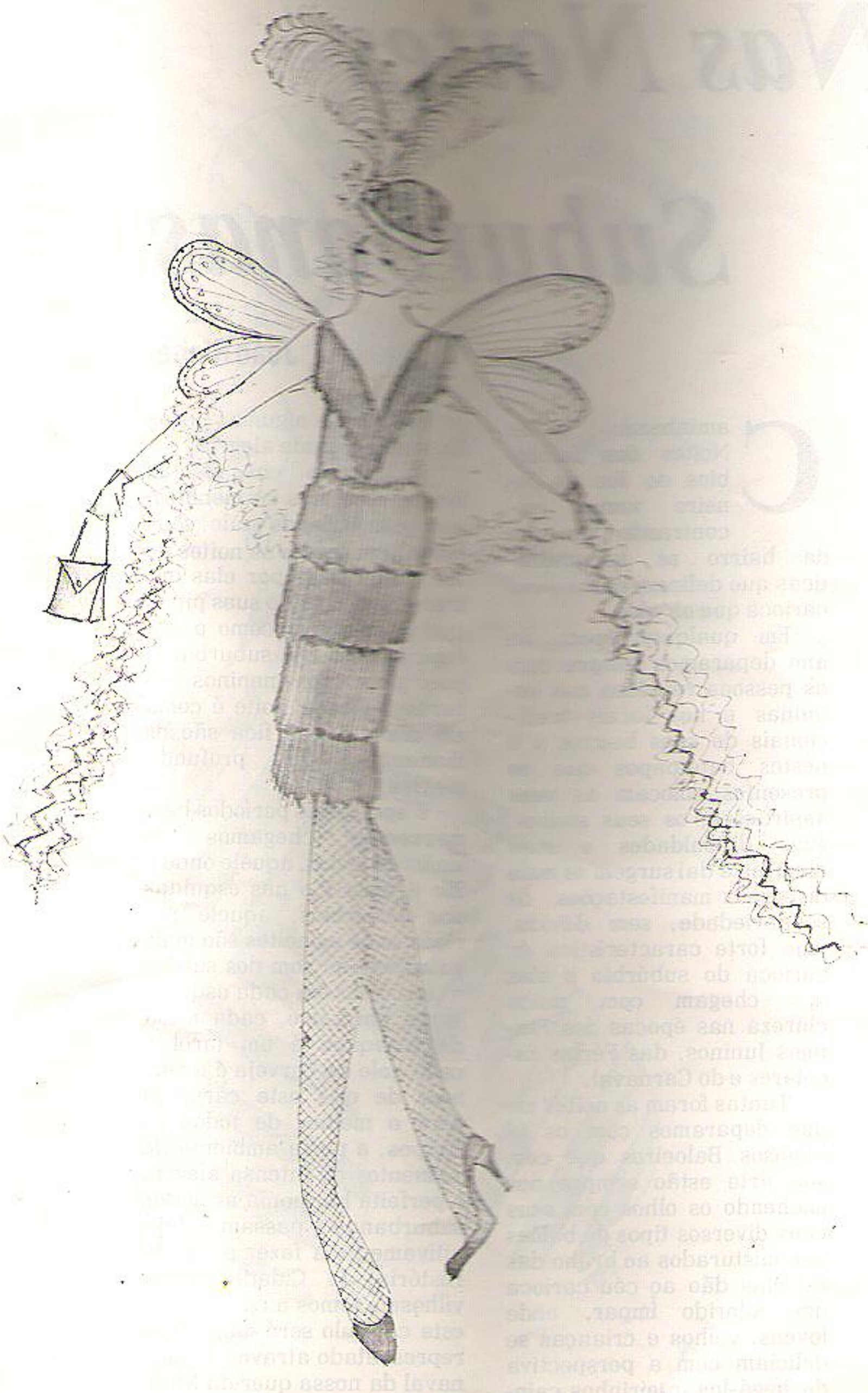
Reduto da boemia e das mulheres de vida airosa, vida noturna, intensa com suas cabarets famosas: Novo Mundo, Casa Nova, Túnel da Lapa e as famosas pensões e "Casas de Amor". Na Lapa surgiu o "Malandro" — figura típica de uma época. Com tipo regional de uma época marcante, mais precisamente nas décadas de 20, 30 e 40, com suas características definidas e pessoais, este elemento tornou-se notável cantando em prosa e verso de forma bem acentuada na cidade do Rio de Janeiro. Foi realmente um indivíduo típico, tradicional, quase folclórico que deixou suas marcas fazendo da Lapa e as adjacências o seu quartel general.

Um dos detalhes que mais caracterizou o malandro, além da sua maneira de viver e modo de falar, foi realmente a sua forma de vestir: chapéu de palha, chileou três pancadas, lenço no pescoço, cordão de ouro grosso com medalhão de São Jorge cravejada de brilhantes, a camisa de seda da China, palha de seda ou listada e,

principalmente seu chinelo "charlote" ou cara de gato. Acrescentamos como atributo indispensável a esses costumes a personalidade do malandro as unhas polidas, a do dedo mínimo bem maior que as outras e o anel de brilhantes "pé de cabra" que dava uma certa categoria e prestígio ao seu possuidor. Além desses atributos temos: a navalha, a caixa de fósforos e o baralho e as três chapinhas para tirar as granas dos incaltos, sem omitir o pandeiro e o tamborim. O malandro da Lapa inventa palavras, sistema de vida, golpes de inteligência, enfrenta a polícia, comanda o baixo meretrício; é o bambam bam do lugar, temido e respeitado no seu campo de ação: o morro, o barraco, os pontos de bicho, a rua, a gafeira, a mulher e o seu sustento e tem até um código de honra. É um criador dentro do seu mundo de aventuras e desventuras.

De certa forma, apesar de ser marginalizado, o malandro era um elemento comunicativo, simpático e querido.

Seu lema: "Malandro que é malandro não bobéia..."



Nas Noites

Suburbanas

João Riche

Caminhando pelas Noites dos Subúrbios do Rio de Janeiro vamos encontrando em cada bairro as características que definem bem o povo carioca que ali vive.

Em qualquer época do ano deparamos sempre com as pessoas reunidas nas esquinas e nos locais tradicionais de seus bairros e é nestes bate-papos que os presentes colocam as suas aspirações, os seus sonhos, suas dificuldades e suas alegrias e daí surgem as mais diversas manifestações de solidariedade, sem dúvida, uma forte característica do carioca do subúrbio e elas nos chegam com muita clareza nas épocas dos Festejos Juninos, das Férias Escolares e do Carnaval.

Tantas foram as noites em que deparamos com os já famosos Baloeiros que com sua arte estão sempre nos enchendo os olhos com seus mais diversos tipos de balões que misturados ao brilho das estrelas dão ao céu carioca um colorido ímpar, onde jovens, velhos e crianças se deliciam com a perspectiva de pegá-los inteirinhos caindo do céu, para noite seguin-

te terem mais algumas horas de transbordante alegria.

E quando chegam as férias escolares os **meninos**, com suas bolas de gude, seus **piões**, aguardam as noites de lua cheia para por elas entrarem empinando suas pipas que voam livres como o seu espírito pelo céu suburbano, pois para eles meninos suburbanos cada noite é como um dia e o que fica são os momentos de profunda alegria.

E após estes períodos bem marcantes chegamos ao maior de todos, aquele onde o Rio é mais Rio nas esquinas dos subúrbios, aquele período onde as noites são mais animadas ao som dos surdos e tamborins em cada esquina surge um bloco, cada mesa de botequim é um tarol e cada gole de cerveja é a certeza de que este carnaval será o melhor de todos os tempos, e neste ambiente de momentos de intensa alegria e perfeita harmonia as noites suburbanas passam definitivamente a fazer parte da História da Cidade Maravilhosa e temos a certeza que este capítulo será muito bem representado através do carnaval da nossa querida Mangueira.

MANGUEIRA EM D

Comissão de Frente —
Carro Abre Alas —
Baianas das Noites Cariocas
Mariposas das 1001 Noites Cariocas —
Alegoria —
As Mil e Uma Noites Cariocas

1º QUADRO

Perilampos das Noites Tupinambás —
Tambores das Noites Tupinambás —
Urucumirim em Noite de Festa —
Alegoria —
Índias da Corte de Jaci —
Jaci —
Índios da Corte de Jaci —
Astros e Estrelas das Noites Índias

2º QUADRO

Pagens das 1001 Noites cariocas —
Bailes das Máscaras —
Alegoria —
Damas Boêmias do Rio Antigo —
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Princesa em Baile na Corte —
Condessas na Corte em Festa —
Condes na Corte em Festa —
Condessa em Bailes de Máscaras —
Duques em Festa na Corte —
Mariposas da Corte —
A Mariposa de Santos —

3º QUADRO

Fatuá —
Alegoria —
Ritual na Senzala —
Rainha da Noite de Magia na Senzala —
Festa na Senzala —

4º QUADRO

Alegoria —
Cavaleiros e Damas das Noites do Rio Antigo
Música dos Saraus do Rio Antigo —
Música Divina Música —
Alegoria —
Madames e Senhores do Rio Antigo
Jogadores dos Antigos Cassinos —
Cassino da Urca —
Vedetes dos Antigos Cassinos —

Ala Sambrasa

Ala de Baianas
Ala das Panteras
São Sebastião do Rio de Janeiro
DESTAQUE ZINHA

Ala Moana (Fem.)
Ala Moana (Masc.)
DESTAQUE TEREZINHA
Encantadas Noites Índias
Ala de Opção (Fem.)
DESTAQUE ANA PAULA
Ala da Opção (Masc.)
Ala É Com Nós Mesmo

Grupo Última Chance
DESTAQUE CLÓVIS BORNAY
Uma Noite de Festa na Corte
Alas da Corte — Mimosas —
Depois eu Digo
Robertinho e Zelinha

DESTAQUE MARILENE
Ala dos Intocáveis (Fem.)
Ala dos Intocáveis
(Masc.)
DESTAQUE WILMA
Ala dos Fidalgos
Ala Impossíveis e Embalo
DESTAQUE COTINHA

Grupo TONINHO DE OXOSI
Ala dos Duques (Fem.)
Noite na Magia de Senzala
Grupo TONINHO DE OXOSI
Ala dos Duques (Masc.)
DESTAQUE MARIA RAMOS
Ala dos Hippies

Casarões

Ala Esforçados, Firmeza
e Nobres — Embaixadores
Ala da Música
DESTAQUE MARLENE
Noites do Rio Antigo
Ala dos Príncipes
Ala EU QUERO É MAIS
DESTAQUE WANDA
Alas Gatinha — Meninas da Praia

5º Q

Morcegos Bandidos da Antiga Lapa
Madame Satã —
Alegoria —
Mariposas e Boêmios da Lapa —

Madame Gaby —
Gatinhas Noturnas da Lapa —
Mestre-Sala e Porta-Bandeira

6º Q

Anjinhos das Noites Suburbanas —
Alegorias —
Balões das Noites Suburbanas —

Estrela Suburbana —

7º Q

Noites em Vila Isabel —
Alegoria —
Seresteiros das Noites da Vila —

Músicos de Vila Isabel —

8º Q

Sereias de Copacabana —

Copacabana Princesinha do Mar —
Alegoria —
Tritões de Copacabana —

Sereia de Copacabana
Copacabana de Noite —

9º Q

Alegoria —
Anjos do Céu de Ipanema —
Alegoria —
Fera da Zona Sul —
Gatinhas e Gatões da Zona Sul —

FILE — ROTEIRO

10º QUADRO

DRO

Ala As 1001 Noites — Reis
DESTAQUE LAERTE
Uma Noite na Lapa
Alas Eles e Elas — Granfinos
Nós Somos Assim
DESTAQUE JANE
Ala das Crianças
Delegado e Mocinha

Pierrots dos Antigos Carnavais —
Pierrot —
Alegoria —

Baianas dos Antigos Carnavais —
Colombinas dos Antigos Carnavais —
Colombina —
Arlequim —
Arlequins dos Antigos Carnavais —
Ranchos dos Antigos Carnavais —
Frevos dos Antigos Carnavais —

Ala Verde e Rosa
DESTAQUE CAMILO
Velhas Noites de
Antigos Carnavais
Ala das Baianas
Ala Independentes da Bolivar
DESTAQUE LÍDIA
DESTAQUE TONINHO DE OXOSI
Ala Independente da Bolivar
DESTAQUE LUÍS VITOR
Arma Comigo que Você Sai

DRO

11º QUADRO

Ala das Crianças
Noites Suburbanas
Alas Justiça — Aliados
Brasinhas e Brasões
Regina

Loucas Noites de Novos Carnavais —
Cometas dos Loucos Carnavais —
Estrelas dos Loucos Carnavais —
Carro Alegórico —
Sultões das 1001 Noites Cariocas —
Palhacinhos do Céu dos Loucos Carnavais —
Carro Alegórico —

Mulatas
Grupo PAGODE
Grupo RENASCENÇA
1001 Noites Cariocas
Grupo BEM AMADO
Ala Furacão
Noturno Céu de um Encantado
Rio de Janeiro

DRO

DESTAQUE TÂNIA
Na Noite em Vila Isabel
Alas Deixa Comigo — Barões —
Caçulinhas — Turistas — Invencíveis
Ala Comigo Ninguém Pode

Portas-Bandeira e Mestres-Sala

DELEGADO
MOCINHA

ROBERTINHO
ZELINHA

ADRO

Boêmia das 1001 Noites Cariocas —

Ala da Velha Guarda

12º QUADRO

Alas Mocidade Sereno —
Baianas Granfinas
DESTAQUE MARIA HELENA
Uma Noite em Copacabana
Alas Mocidade Sereno —
Funcionários
DESTAQUE Marisa
Ala Só Vai Quem Pode

SÓ PARA QUEM PODE

PERIQUITOS E BOÊMIOS

Alas Técnicas —

Ala dos Compositores

DIRETORIA

CONSELHO DELIBERATIVO

ADRO

Letreiros
Ala dos Seresteiros
Peelas Noites da Zona Sul
DESTAQUE JOSÉ ANTÔNIO
Alas Chove Não Molha —
Ninguém é de Ninguém

Noites

de

Vila Isabel

Paulo Francisco

Vila Isabel é um bairro que dá enredo. De uma tradição milenar, cantando e decantado em versos e prosas. Boêmio por natureza e marcante na história da música popular brasileira. Noel Rosa o mais autêntico defensor musical, lá do infinito continua iluminando o bairro que não tem casa noturna, mas uma vida noturna insofismável.

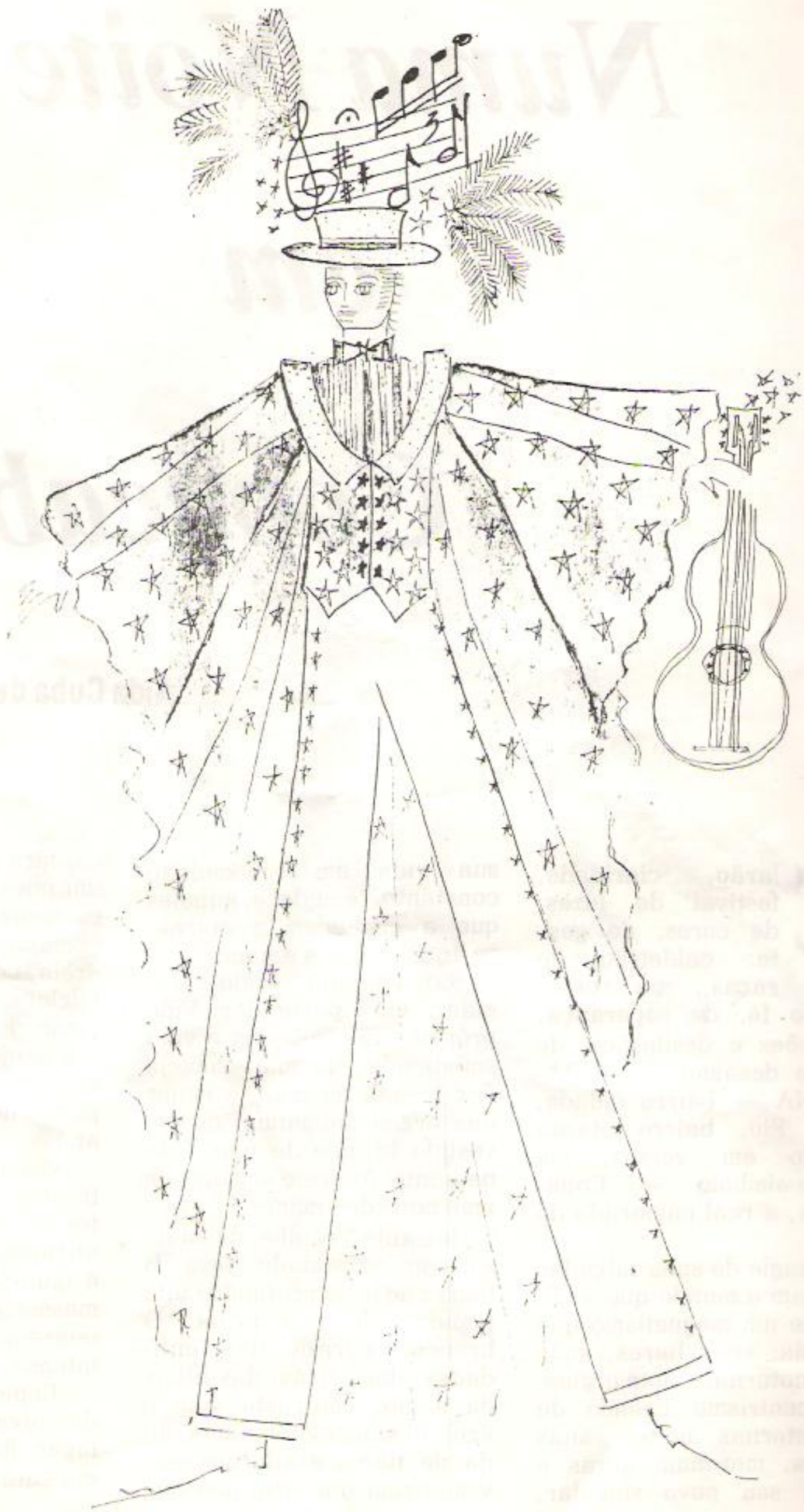
Vila Isabel, das calçadas musicadas, desde os velhos tempos, quando a avenida Vinte e Oito de Setembro, era somente chamada de Boulevard. Do ponto cem réis até a praça sete, tudo era samba, tudo era alegria.

Vila Isabel de Barão de

Drumond, donde foi criado o que há de mais popular na face da terra, o jogo do bicho. Um bairro sem requinte mas com muito amor. Dos barracos do Morro do Macaco aos arranhas-céus da 28 de Setembro os moradores mostram se gente bamba.

Eh Vila Isabel, sempre lembrado, que momento alguém fica longe da gente. Principalmente, de nós que abraçamos o samba, e dele fizemos seu defensor.

Noel escreveu: quem nasce lá na Vila, nem sequer vacila. Realmente é de fato uma verdade. Não vacila, mesmo. E por isso sabe aplaudir no momento exato, seu vizinho do outro lado da linha, tradicional e mais calejado. Viva a Mangueira.



Numa Noite

em

Copacabana

Aida Cuba de Almeida Lima

Clarão, claridade, festival de luzes, de cores, de gente, caldeirão de raças, de crenças, de fé, de esperança, de ilusões e desilusões, de amor e desamor — COPACABANA — bairro cidade, bairro Rio, bairro eterno cantado em versos, em poemas-símbolo — Copacabana, a real namorada do mar.

A magia de suas calçadas encantam o mundo que a vê, fruto de um magnetismo que estonteia; seus bares, suas casas noturnas, suas orgias, o egocentrismo boêmio de suas eternas noites, suas mulatas, morenas, loiras e ruivas, seu povo singular,

sua vida em redemoinho constante, emudece aqueles que a conhecem e eternece àqueles que a amam.

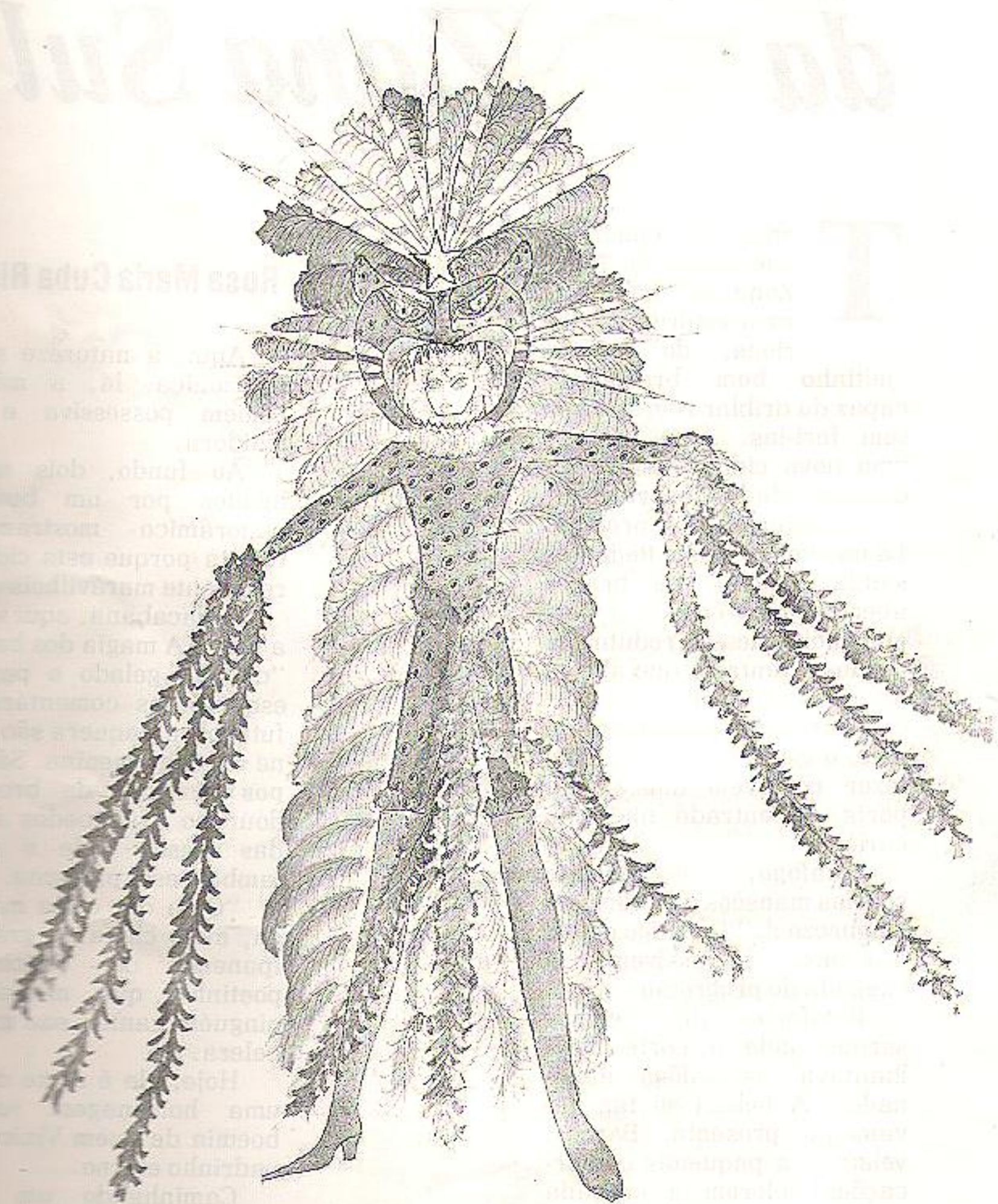
Copacabana, vida singular, vida particular, vida própria, vida simples e vida sofisticada, da mais singela flor jogada ao mar, a maior das orgias humanas, de um vestido branco de uma mãe de santo ao preto sensual de uma noite de amor.

Iemanjá, rainha do mar, sua grandiosidade leva o bairro ao mais profundo culto popular de sua praia. O branco, pureza das entidades, dos orixás, das filhas de santo, contrasta com o azul de suas águas numa onda de flores e adornos que visualizam um novo ano que

coroará de alegria o sonho de um povo. Turistas, devotos curiosos se emergem numa praia comum se integrando areia, no mar, nos cantos, no folclore, na religião, no amor. É a noite suprema de seu mundo. É onde a sua primavera armazena a cor necessária para o desenrolar de mais um ano.

Copacabana, elo dos contrastes, onde o homem é testemunha de tudo um ser humano atirante, lugar onde o homem é igual, onde todos falam a mesma língua numa emoção quase que eterna de um viés intenso.

Copacabana, lugar mágico, lugar vida, lugar Deusa, lugar Rio — o lugar, ainda encantado dos cariocas.



Pelas Noites

da Zona Sul

Todos os caminhos nos levam ao Mar. Zona Sul, onde mora o espírito do carioca, do famoso "jeitinho bem brasileiro" capaz de driblar regras e leis sem ferí-las. Aqui começa uma nova cidade dentro da Grande Cidade Maravilhosa.

A natureza foi pródiga. Lá de cima, o Cristo Redentor saúda a todos de braços abertos, num convite à permanência nesse reduto de sonhos e fantasia que abriga as noites cariocas.

Aterro, passarela onde a arte, o espírito patriótico e o lazer convivem dia a dia; porta de entrada na noite carioca.

Botafogo, escondendo sóbrias mansões que abrigam a nobreza do Rio antigo e hoje assistem impassíveis à chegada do progresso.

Botafogo, dos velhos saraus onde a corte abrihantava os salões iluminados. A beleza se faz novamente presente. Barcos, veleiros, e pequenas embarcações colorem a enseada quebrando a egemonia dos blocos de concreto perfilados, indiscriminadamente, do outro lado da pista.

Rosa Maria Cuba Riche

Aqui, a natureza sutil e narcótica, lá, a mão do homem possessiva e destruidora.

Ao fundo, dois morros ligados por um bondinho panorâmico mostram ao turista porque esta cidade é realmente maravilhosa.

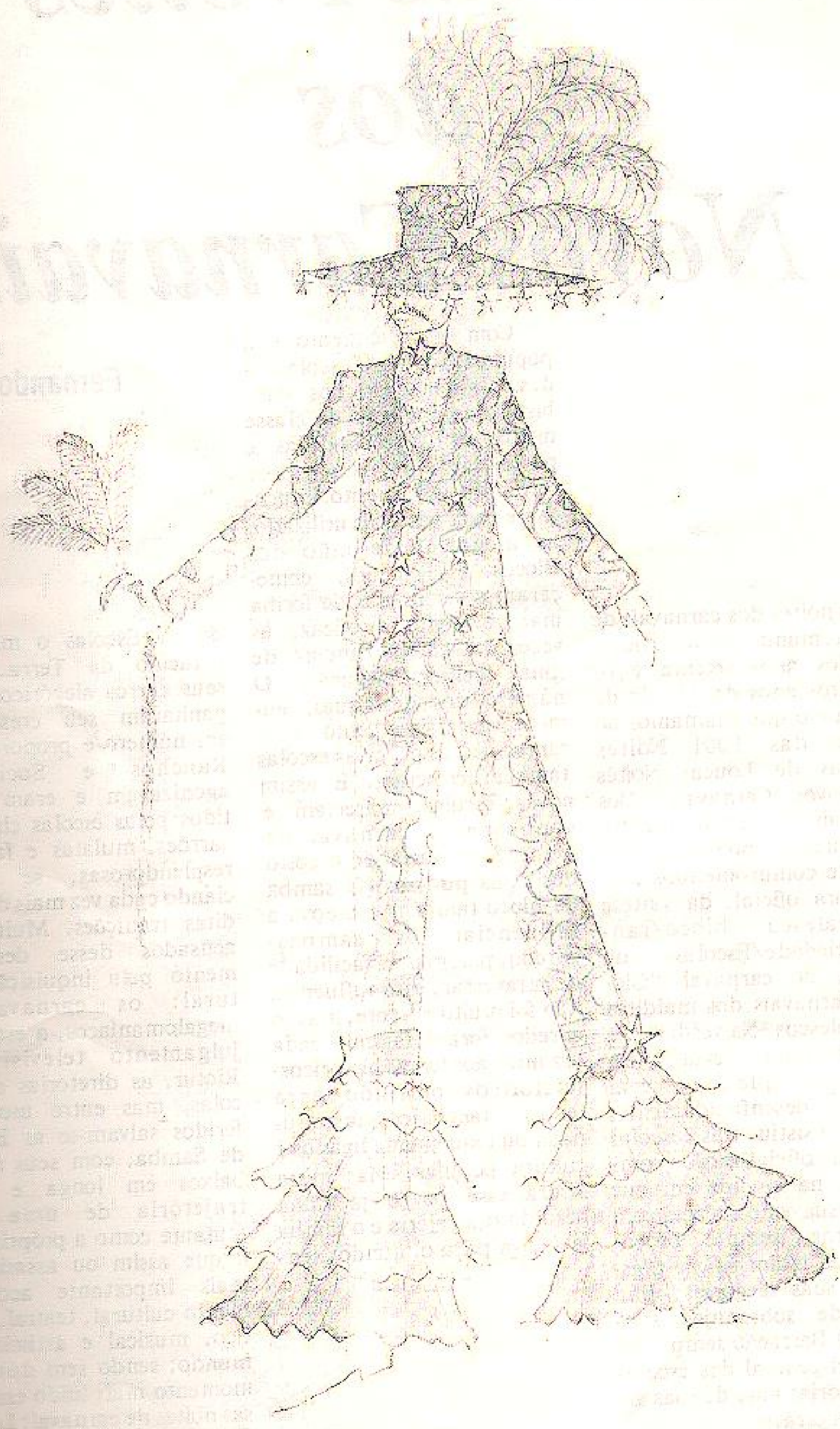
Copacabana, aqui vive-se a noite. A magia dos bares, o "chopp" gelado o papo da esquina, os comentários do futebol, a paquera são o cerne da noite-menina. São corpos morenos de bronze e dourado amontoados à volta das mesas onde o samba também está presente.

"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça"... Ipanema de Vinicius, o poetinha que melhor que ninguém cantou sua graça e beleza.

Hoje, ele é nome de rua, uma homenagem justa à boemia de quem Vinicius é o padrinho eterno.

Caminhando um pouco mais chega-se ao baixo-Leblon, onde a paquera, a transa e os embalos têm seu ponto de encontro.

Assim vivem e se divertem os cariocas porque ser carioca, é antes de tudo, um estado de espírito.



Loucas Noites *dos* *Novos Carnavais*

Fernando Pinto

As noites dos carnavais de hoje, tomando como hoje, o fim dos anos setenta e os primeiros anos da década de oitenta é o que chamamos no enredo das 1001 Noites Cariocas de Loucas Noites dos novos Carnavais. Dos carnavais do visual quesito, dos enredos pouco e lúcidamente comprometidos com a cultura oficial, da síntese carnavalesca bloco/rancho/sociedade/Escolas de Samba, do carnaval "Global", carnavais dos malditos carnavalescos. Na verdade, se bem observada, essa louca mudança, que cresceria depois desenfreadamente, sempre existiu nas escolas desde a oficialização competitiva, na medida em que elas, na sua concorrência com as outras, sempre procuravam, na maior beleza plástica de suas alegorias, uma forma de sobrepujar suas rivais. O Barracão sempre foi o quartel-general das escolas e as alegorias uma de suas armas de guerra.

Com o crescimento e a popularidade das escolas, a desmarginalização dos sambistas, a afluência da classe média às arquibancadas e passarela, e o visual foi-se tornando um quesito importante cada vez mais utilizado, as alegorias de mão dos Blocos e Ranchos, começaram a ser usadas de forma mais evidente e eficaz, às vezes até em detrimento de uma melhor evolução. O número dos destaques aumentava assim como suas fantasias e as próprias escolas também cresciam. E assim novas escolas apareciam e ganhavam o carnaval na avenida contrariando o gosto dos mais puristas. O samba de bloco também começou a influenciar os sambas-enredo, porém pela facilidade de atravessar, essa influência não foi muito adiante, mas os enredos foram fugindo cada vez mais aos temas históricos-folclóricos partindo para temas fantásticos-abstratos nada ou tenuemente ligados à cultura popular. Mas nessa altura esse povão já tinha perdido sua galeria e o samba já falava para o mundo, sen-

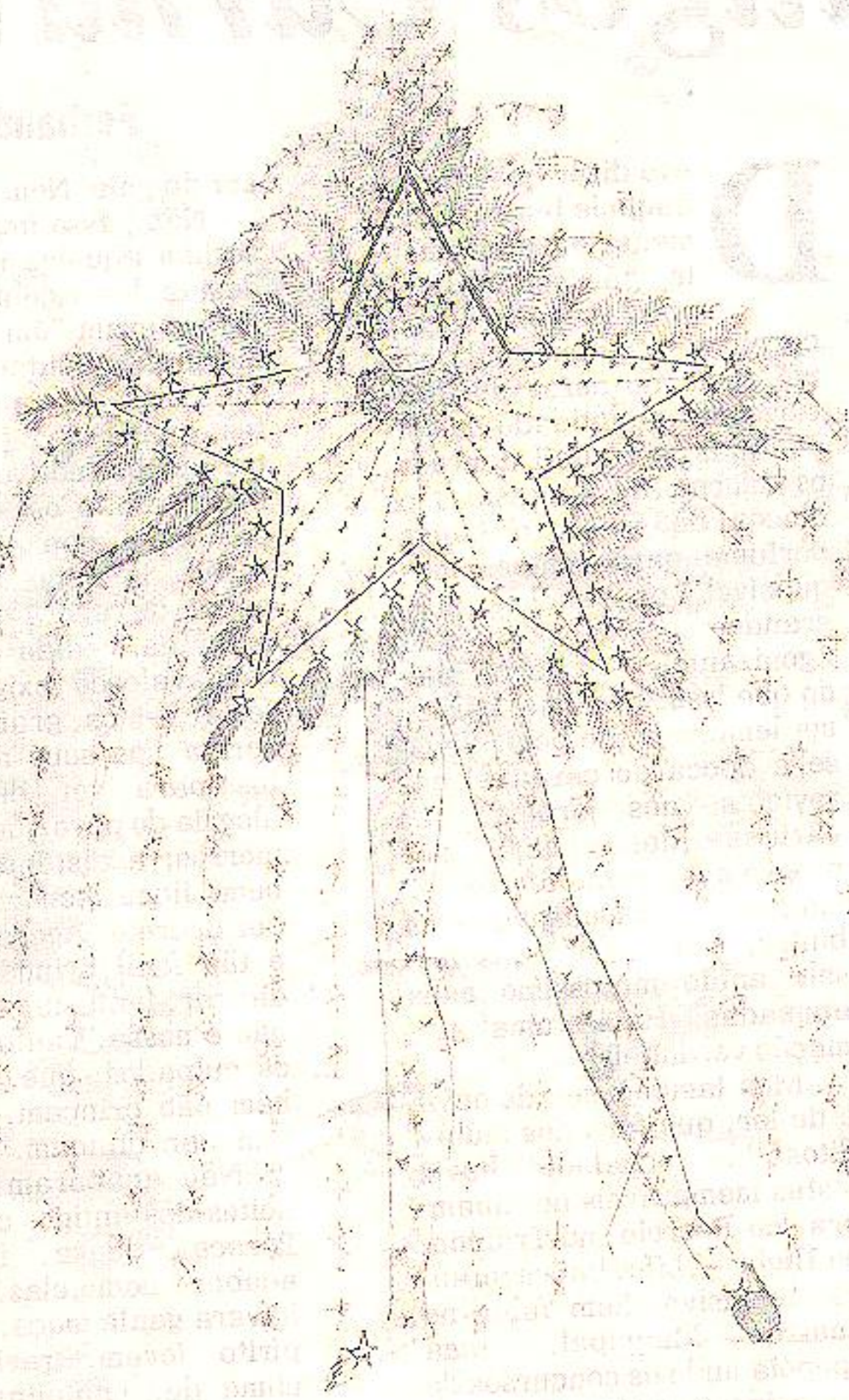
do as Escolas o maior espetáculo da Terra. Assim seus carros alegóricos acompanharam seu crescimento em número e proporção. Os Ranchos e Sociedades agonizavam e eram deglutidos pelas escolas cheias de carrões, mulatas e fantasias resplendorosas, se distanciando cada vez mais das suas ditas tradições. Muitos são acusados desse desvirtuamento pela inquisição cultural: os carnavalescos megalomaniacos, a estética e julgamento televisivo, a Riotur, as diretorias das escolas, mas entre mortos e feridos salvam-se as Escolas de Samba, com seus altos e baixos em longa e firme trajetória de uma vida mutante como a própria vida e que assim ou assado é o mais importante acontecimento cultural, teatral, plástico, musical e artístico do mundo; sendo sem dúvida o momento mais lindo em nossas noites de carnaval: Loucas Noites de Novos Carnavais.

As Notes for

Artigos (Articles)

Quando Zambini

Faint, illegible text on the left side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.



Faint, illegible text on the right side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

As Noites dos Antigos Carnavais

Fernando Zerlotine

Devo dizer que não sou daquele tempo. Felizmente ou infelizmente, não sei. As mais antigas recordações carnavalescas que tenho são um resto do curso de automóveis, a quantidade de serpentinas, o confeti dourado, os blocos de fantasias, os blocos de Sujos, o Lança-perfume para sempre inesquecível, os ranchos e as grandes sociedades já então agonizantes — e pouco mais do que isso. Do clima, porém, me lembro muito bem. Viviam-se a época do carnaval nas revistas, nos jornais, nas vitrinas das lojas, nos programas radiofônicos. E ninguém dispensava os bailes, embora as ruas fossem então muitíssimo mais animadas. Havia uma animação verdadeira.

Mas também sei, de ouvir e de ler, que fora dos clubes ditos "de sociedade" havia festas memoráveis no Alhambra, no Recreio, no Trianon, no Hight — Life. Bailes infantis, inclusive. Sem falar no Teatro Municipal, uma epopéia onde os concursos de fantasias engatinhavam, mal sonhando com o profissionalismo de anos mais tarde, sendo que num deles a falecida Luz del Fuego provocou o escândalo da época e a ira do prefeito de então, postado no seu camarote, porque surgiu de Eva, com serpente e maçã, num maiô

cor da pele. Nem nua estava!

Não posso imaginar como seriam aquelas noites sem o desfile das escolas de samba. Estas eram um espetáculo marginal, limitado à Praça 11. Coisa de e para sambistas, quase só. É por isso, entre outros motivos, que não invejo muito os saudosistas, por mais que eles tenham razão. Entendo que o carnaval de agora é mais popular na medida em que ser carnavalesco exige amor à festa — os granfinos desceram dos seus apartamentos para ver de perto a alegria do povo que desce dos morros; a distância, mal ou bem, ficou menor, e não foi por decreto. Agora: se já não é tão fácil brincar, cantar, dançar, fantasiar-se, a culpa não é nossa. Tanto pior para os culpados, que aliás também não brincam, nem cantam, nem dançam.

Não acabaram, pois, as noites dos antigos carnavais. Parece quase impossível acabar com elas. Sempre haverá gente moça, ou de espírito jovem, revivendo o clima das confeitarias para sempre desaparecidas. A melhor lembrança deve ser isto de agora — a escola desfilando, cada qual participando à sua maneira. O que passou continua presente. Como a nossa Mangueira imortal, nas suas cores únicas, vestida de madrugada.





Mangueira no Regine's

Luiz Sorte

No dia 1 de dezembro, a MANGUEIRA foi convidada para fazer o Show de reabertura da Boite REGINE'S no Rio de Janeiro, lá compareceram diversos componentes de nossa Escola tais como: passistas, o Conjunto Juventude Samba Show, destaques, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, o compositor Elavinho um dos vencedores

do Samba Enredo de 1982, que brindaram a todos com sua magnífica apresentação que contagiou a todos os presentes.

Aproveitamos esta oportunidade para agradecer as Sr.^{as} REGINE e TÂNIA CALDAS que foram as grandes incentivadoras para esta apresentação que serviu como Parte dos Preparativos da Escola para o Carnaval de 1982.

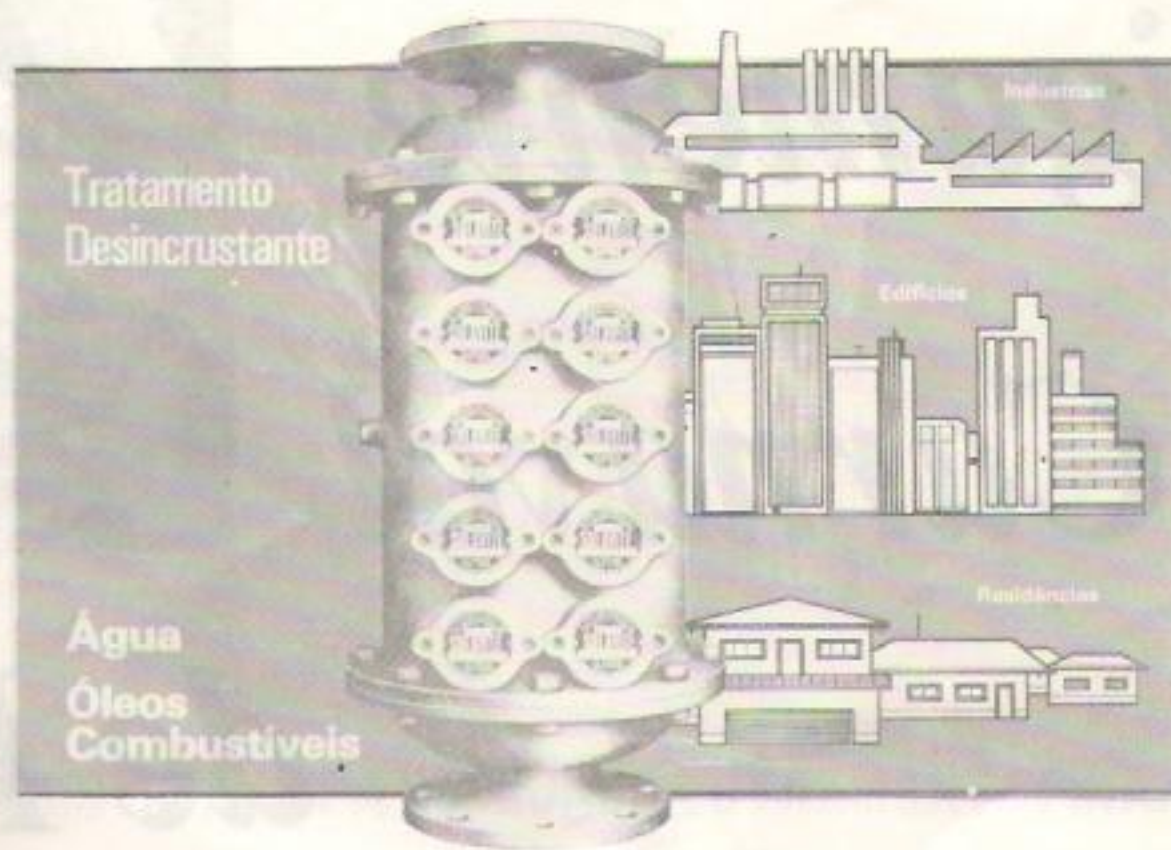
O carinho pela Mangueira e o reconhecimento pelo belíssimo show apresentado, deu origem a que a Mangueira fosse convidada a fazer o grande Reveillon de passagem de ano naquela luxuosa casa de espetáculo.

Alguns flagrantes da belíssima Festa.



SOLAVITE

O CATALISADOR FÍSICO



A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA

Underberg.

Na vodca, vermute e na caninha. Ou meia dose no seu refrigerante preferido e bastante gelo. Puro, também é ótimo.



Vai bem com todas.

Carnaval de Antigamente e Carnaval



de Hoje

Gente... que saudade nos dá dos antigos carnavais, confetis, serpentinhas, blocos de sujo, nos dontagiávamos de tal forma que esquecíamos de todas as preocupações da vida.

Que saudade das batalhas da Rua Zulmira e toda Vila Isabel, dos blocos de sujo da Avenida Rio Branco, das batucadas da antiga Praça Onze, dos bondes enfeitados, dos sempre atrasados trens da Central (chamado Maria Fumaça).

Daqueles blocos improvisados em que as famílias de um bairro visitavam os bairros vizinhos, todos de máscaras, sentavam, bebiam e comiam e só descobríamos quem eram na hora em que iam embora, então era aquela alegria. Mas esse espetáculo não era controlado pelas autoridades, era pura e simples imaginação do povo sofrido mas feliz.

Hoje o carnaval é diferente, as colombinas, os pierrot, os arlequins, foram substituídos por figurinos de Rugendas e Debret, as antigas baianas das Escolas de Samba passaram a ser damas antigas e Luiz XV, sbstituiu os malandros da antiga Lapa.

O maior espetáculo do Brasil, passou a ser as grandes Escolas de Samba que deram à cidade um colorido diferente, com suas cores representando cada qual sua agremiação. Nós temos uma Comissão de Frente que deslumbra, Ala de Compositores com sambas da melhor qualidade, uma bateria que contagia o público com seu ritmo inconfundível.

Antigamente as Alegorias eram pobres mais bonita, hoje só querem visual e elas

ficaram tão caras, de preço tão elevado, que fomos obrigados a tirar este quesmas, **alegoria** é complemento do tema enredo, ajuda tanto ao Carnavalesco como diretorias.

Até as diretorias mudaram; antes, víamos as colas de samba serem dirigidas por sambistas que armavam tudo com carinho, amor e dedicação. Hoje, só tem oportunistas que só procuram humilhar o verdadeiro sambista trazendo dor e paixão; esses elementos não vivem para o samba, sim vivem do samba.

Eu acho, que era hora levantarmos a cabeça, colocarmos o coração a part defendermos com cuidado aquilo que nos pertence.

**NEUMA GONÇALVES
SILVA**

M.D.E. VIAGENS E TURISMO LTDA.

Excursões e Turismo

A mais nova Agência do Rio prestigiando o Carnaval Carioca:

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 978 — S/L 201

Fones: 255-6298 Rio de Janeiro

VÁ ASSISTIR A COPA DO MUNDO TOTALMENTE FINANCIADA

MAIS UM SHOW

A BATERIA DA MANGUEIRA, com seus instrumentos fabricados na CONTEMPORÂNCIA MUSICAIS E INSTRUMENTOS LTDA.

Rua General Ozório nº 40 São Paulo — Bairro da Luz Tel.: 220-1701

Alcione Sempre Mangueira

Luiz Sorte



Como acontece todos os anos a grande Sambista **ALCIONE**, apesar dos seus inúmeros compromissos, reservou a data do dia 7 de novembro para a **MANGUEIRA**, ocasião em que fizemos realizar um show no Ginásio Caio Martins em Niterói que contou além da participação de **ALCIONE** e seu Conjunto **FUNDO DE QUINTAL**, com a presença de diversos componentes da nossa Escola bem como os compositores que classificaram seus sambas enredo para o carnaval de 1982.

Nossos sinceros agradecimentos a **ALCIONE**



**DIVILAM E
MANGUEIRA MAIS
UMA VEZ
LEVANTAM
A POEIRA**

**SABE COMO É QUE É
GENTE BAMBÁ SABE DAS COISAS!**



divilam S/A

**Madeiras
Compensados**

Rua General Caldwell, 185
Tel.: 224-2424

CEDRO S.A.

Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários

INVESTIMENTOS GARANTIDOS

- Com juros e correção monetária
- Renda mensal, trimestral ou final
- Aplicações de curto prazo

RUA 7 DE SETEMBRO, Nº 71 — 3º ANDAR
PBX — 221-3936

INTERMAT

Materiais de Construção Ltda.

TUDO PARA CONSTRUÇÃO

Louças — Pisos — Pedra — Areia — Cimento — Telhas

Conexões — Tubos — Metais — Tijolos — Ferro — ETC.

Frota própria para entregas Financiamento em até 12 meses Orçamentos sem compromisso

ESTRADA DO CACHAMORRA Nº 4.715 (defronte a Michelin) — Campo Grande — RJ.

TEL.: 394-1621

Supervisor de Artes:

Túlio Feliciano

Decoradores:

Joaci Barbosa de Oliveira
 Edil Silva dos Santos
 Mardio Silva Júnior
 Sérgio Luiz Gomes Ludiosa
 Ricardo Antônio Guimarães
 Dilberto Oliveira da Silva

Artistas:

Armando Ramos
 — Pintor de Paineis e Retratos
 Ubiratam de Assis
 — Escultor
 Griwemer Martins de Oliveira
 — Marcenária
 Asalmir Braga
 — Acabamento
 José Ribamar Souza e Silva
 — Artesão

Auxiliares:

Maria da Conceição Moreira
 Guaciara Ribeiro de Jesus
 Ediléia Araújo de Oliveira
 Rosana Aparecida da Silva
 Tânia Regina Sant'Anna
 Cecília Muniz
 Sandra Otéro
 Valéria da Silva

Auxiliar da Com. Carnaval

— Abel Diniz

Almoxarife:

— Carlos Alberto de Oliveira

Vigia do Barracão

— Manoel Fernandes da Silva

Agradecimentos

José de Vasconcellos Silva
 Francisco Reinaldo Amorim de Barros
 Ruth Almeida Prado
 Walter Luiz Alves de Oliveira
 Manoel Duque
 Vera Bocaiúva
 Gilda Mac Dowel
 Charlene Shorto
 Giovanna Vassalo

Serviço de Serralheiria e estrutura metálica
 — A Firma Socinep Indústria e Comércio Ltda.
Diretor Responsável
 — Dr. Henrique Manoel Sorte Sattler
Projetista Estrutural e chefe de equipe
 — Jorge Tavares
Mão-de-Obra Especializada
 — Sebastião Muniz de Oliveira
 — Antônio Clébio dos Santos Silva
 — Clébio Carvalho Tavares

EDITADO POR:**N.M. EDIÇÕES E PROMOÇÕES LTDA.****COORDENAÇÃO GERAL** — João Riche**PRODUÇÃO E ARTE FINAL** — Ney Gaspar**DIAGRAMAÇÃO** — Paulo Francisco**FOTOGRAFIA** — Luiz Sorte

Rua Pedro Ernesto Nº 89 — RJ Tel.: 283-5584

GRUPO ECONOMISA

- Economia Crédito Imobiliário S/A — Economisa
- Economia Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda.
- Economia D.F. — Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda.
- Economisa — Crédito Financiamento e Investimento
- Economisa Administradora de Imóveis Ltda.
- Economisa Reflorestamento Ltda.
- Economisa Técnica Administração e Corretagem de Seguros Ltda.

MINAS GERAIS — GOIÁS — D.F.

RIO DE JANEIRO — ESPÍRITO SANTO — PARANÁ